

CRISE MONTADORAS E CONSTRUTORAS RECLAMAM DA FALTA DE RECURSOS PARA CRÉDITO

Dinheiro não chega na ponta

Dos R\$ 4 bilhões em linha de crédito liberados no início do mês pelo Banco do Brasil (BB) para os bancos de montadoras financiarem veículos, apenas R\$ 1,5 bilhão chegou às instituições. Os outros R\$ 4 bilhões anunciados pela Nossa Caixa uma semana depois ainda não está disponível para os consumidores. Só não houve gritaria por parte das empresas porque o consumidor, desconfiado, não tem recorrido nem mesmo aos empréstimos já disponíveis.

Nos 20 dias deste mês, as vendas de carros novos estavam 20% menores em relação ao mesmo período de outubro, quando as montadoras reclamavam da falta de liquidez no mercado. De acordo com o presidente da Associação Nacional das Empresas Financeiras das Montadoras (Anef), Luiz Montenegro, alguns dos 15 bancos ligados às montadoras ainda estão juntando documentos exigidos pelo BB para ter acesso à linha especial, que cobra juros de mercado. Já a Nossa Caixa ainda não liberou nada, talvez por estar envolvida com a venda da instituição ao BB, finalizada na quinta-feira.

"Os recursos liberados até o momento têm atendido à necessidade da rede e quem entra na concessionária encontra crédito", ressalta Montenegro. A maior parte da verba é destinada ao financiamento de carros novos, mas o problema, na visão de lojistas e executivos, é a falta de crédito para os veículos usados, que normalmente servem como parte de pagamento do zero quilômetro.

■ Travado

"O mercado está travado nas Brasília e nos Monzas", define um executivo do ramo de vendas. Segundo ele, o setor é movido por uma escala que, antes da crise financeira, se alterava em alta velocidade, justificando os recordes de vendas. Quem não tinha veículo comprava uma moto, quem tinha

moto comprava um carro usado, o dono do usado comprava um popular e quem tinha o popular comprava um carro melhor. Agora, ocorre o inverso. "O mercado parou, de baixo para cima", destaca ele.

Os preços dos carros usados também despencaram, ampliando a diferença do preço do novo. Segundo Mário Sérgio Franco, da rede Itavema, formada por 60 lojas, a desvalorização do usado na categoria do popular foi de 10%, em média, e para os modelos mais caros, de 20%. "O cliente ainda está se acostumando com os novos patamares de preços." Franco ressalta que são poucas as instituições que operam no segmento de usados, vendidos não só nas concessionárias, mas em uma ampla rede de lojas independentes.

Nesse segmento, a restrição das financeiras também é maior na liberação de crédito. "A aprovação de cadastros caiu 15% a 20% nos carros usados e 10% no novos", calcula ele. Pedro Schwambach, do Grupo Parvi, com 50 lojas, confirma que os preços dos carros usados, principalmente dos seminovos, estão muito distantes dos novos, o que dificulta a troca. Além disso, o carro zero normalmente vem com subsídio das montadoras, o que não ocorre com o usado. Com estoques elevados, muitas revendas já não aceitam modelos antigos na troca.

■ Setor imobiliário

Um mês atrás, quando o governo anunciou um pacote bilionário de ajuda para a construção civil, as empresas imaginaram que o dinheiro estaria à disposição num curto espaço de tempo. Naquela época, o governo trabalhava com uma cifra entre R\$ 3 bilhões e R\$ 4 bilhões.

Somente amanhã, a Caixa Econômica Federal deve começar a oferecer as linhas de crédito para capital de giro das construtoras. Até sexta-feira, não havia detalhes sobre juro, prazos e o total a ser ofertado.